

MEMÓRIAS DA INFÂNCIA: A RELAÇÃO DOS ADULTOS NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DAS CRIANÇAS

Heitor Theobaldo Medina de Oliveira (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Ailton José Morelli (Orientador), e-mail: heitortheobaldo.mo@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes / Departamento de História

Ciências Humanas - História

Palavras-chave: Infância, Memória, Ensino.

Resumo:

Essa pesquisa busca analisar a influência adulta no desenvolvimento escolar infantil e o impacto sobre as memórias da infância. Para tanto, trabalhamos com relatos de pessoas que residem em Maringá com uma faixa etária entre vinte e trinta anos e foram selecionados aqueles que estudaram no ensino fundamental nas décadas de 1990 e 2000, portanto posterior ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Foram realizadas entrevistas com onze depoentes buscando suas particularidades e identificar como essas características afetaram o período escolar no ensino fundamental. Definimos esse recorte para analisar o impacto do Estatuto no período da pessoa como criança e no ensino fundamental, tendo em vista a definição de criança do ECA em que é considerado criança a pessoa até doze anos incompletos (Lei Nº 8069/1990, Art. 2º).

Introdução

Para esse estudo sobre a relação dos adultos no desenvolvimento escolar, foi necessário, primeiramente, compreender historicamente como foram as mudanças das noções de criança, tendo em vista que o processo histórico em torno da criança influenciou a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil em 1990. Esta legislação garantiu às crianças brasileiras o direito a escola pública e obrigatória, conforme previsto na Constituição Federal de 1980.

Os depoentes escolhidos estudaram todos após essa legislação. Buscamos apenas mostrar de que forma ocorreu a influência adulta no período escolar nas crianças, mostrando as diferentes formas de relação e de como influenciaram nas crianças desse período analisado.

Materiais e métodos

Para o desenvolvimento da pesquisa a fonte oral foi definida como a mais adequada. Inicialmente foi desenvolvida a leitura da historiografia sobre a história da criança e a leitura de livros relacionados a história oral e memória. Na última etapa nos detemos na elaboração e aplicação de questionários com questões relacionadas ao ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), influência dos pais, frequência de estudo fora da escola entre outras temas. Foram devolvidos preenchidos 105 questionários que serviram de base para a elaboração do roteiro da entrevista oral e selecionar os depoentes.

Com base na lista de depoentes e elaborado o roteiro definitivo para produção das fontes orais, as entrevistas foram todas realizadas com áudio gravado, sendo o áudio e a transcrição autorizadas mediante termo de consentimento. A identidade dos depoentes será preservada não sendo exposto nome ou qualquer outro dado que possa identifica-lo. Seguindo as orientações de Pierre Bordieu (1997) que o objetivo do entrevistador não deve ser violento, em outras palavras, o entrevistador deve focar em não pressionar o depoente, intervir o menos possível, já que a espontaneidade é de suma importância. A entrevista não violenta busca indagar sem afetar as respostas (BORDIEU, 1997; p. 694).

Posteriormente as entrevistas foram transcritas seguindo fielmente o modo como foi falado. Para análise destas utilizamos a produção teórica de Maurice Halbwachs, principalmente, na obra “A memória coletiva” (2004) onde define conceitos de memória coletiva e memória individual. Halbwachs também discorre sobre como a memória é a reconstrução do passado junto com informações do presente. Meihy (2005) por sua vez afirma que a memória muitas vezes não é nítida ou o entrevistado possa dar uma carga sentimental para determinados acontecimentos e justamente isso é de fundamental importância ao historiador, saber identificar o porquê do acontecimento ter marcado e tratar a fonte oral como documento histórico, que também possui intenções e interpretá-las.

Resultados e Discussão

Criamos dois principais pontos para a pesquisa, o primeiro discute sobre a criança, que historicamente, o termo criança com significado e características específicas é recente, decorreu de um processo histórico para chegarmos ao que conhecemos hoje. Durante boa parte da Idade Média não era dada grande importância para a criança, por conta do grande número de mortalidade logo após o nascimento e nos primeiros anos, caso sobrevivessem, logo iriam trabalhar junto a seus pais (ARIÈS, 2012). No século XVII, a noção de criança começou a ficar semelhante com a que temos hoje fenômeno criado por Aries (2012) como “paparicação”, onde os adultos se encantavam com os gracejos das crianças, a partir de então as brincadeiras, atitudes, características em geral deste período da vida foram ganhando espaço. Embora questões relacionadas ao trabalho infantil e

direito a educação tenham sido discutidos com maior empenho a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX.

No Brasil, a primeira legislação específica sobre para as crianças é o Código de Menores de 1927, cujo principal foco é a questão social, os assuntos abordados são relacionados aos menores abandonados, os órfãos, menores infratores.

Em 1979 um novo Código de Menores, em que continua com questões abordadas na legislação anterior, mas que começa uma preocupação maior com o bem estar da criança, com irregularidades ao menor que não tem as condições essenciais a subsistência, saúde e instrução.

Pouco tempo depois, com uma nova Constituição Federal em 1988 e o surgimento do ECA em 1990, os direitos das crianças são garantidos institucionalmente. Em que dos vários temas abordados, realça o artigo Art. 227 da Constituição em que se dirige exclusivamente as crianças.

O segundo ponto é a memória de infância da vivência escolar. As entrevistas focaram em três assuntos principais: rotina escolar e em casa, relação com os adultos na escola e em casa e sobre a relação ECA e escola, abrindo bastante espaço no roteiro para o depoente poder falar sobre as suas particularidades. Nesses assuntos indicados foram abordados pelos depoentes suas memórias sobre a escola, foi verificado que a maioria dos depoentes tem raras lembranças sobre os primeiros anos de ensino fundamental, lembrando-se principalmente de brincadeiras e pessoas que marcaram. Sobre a rotina, que na maior parte das vezes era composta por brincadeiras na rua ou em casa, um grande destaque para os aparelhos eletrônicos como videogames e computadores no cotidiano. A maioria declarou que durante boa parte do ensino fundamental tinham um período específico para fazer atividades escolares fora da escola e que na maioria das vezes fazia sozinho recorrendo aos adultos se tivessem dúvidas. Sobre a relação com os adultos em casa, a principal motivação era relacionar ao futuro profissional, saliento também que principalmente no ensino fundamental 2 (6º a 9ºano) o controle e observação dos adultos em relação as atividades escolares não apresentou muito frequente, indicando que quando adolescentes os depoentes não possuem muito esse tipo de relacionamento, alguns afirmando que não buscavam e até evitavam, situações que os adultos não correspondiam ou até mesmo por alguns adultos não possuírem escolaridade para ajudar. Em relação ao ECA, a maioria dos depoentes afirmam que não ouviram falar nada na escola, mesmo alguns tendo estudado após a lei 11.525 de 2007 em que torna obrigatório o ensino do ECA nas escolas.

As entrevistas abriam espaço para os depoentes falar sobre as dificuldades que tiveram no período, que normalmente são muito marcantes, um dos principais problemas abordados, foi a dificuldade de adaptação do ensino fundamental 1 (1 ao 5º ano) para o ensino fundamental 2, em que o número de professores e matérias aumentaram e muitos trocaram de escolas. Usamos aqui o modelo atual de primeiro ao novo ano, mas muitos estudaram no modelo anterior em que era de primeira a oitava série.

Conclusões

Foram apresentados segundo os relatos, que cada depoente teve formas de motivação e dificuldades diferentes, mas, foi constatado entre os depoentes que crianças com apoio e impulso constante dos adultos possuem lembranças de que as levaram a uma maior motivação escolar. Alguns depoentes tiveram dificuldades de reprovas contínuas na escola, mas relatam como a influência adulta os ajudaram a prosseguir, nos mostrando que a influência adulta não está somente ligada a um desenvolvimento escolar contínuo, está ligada também a não desistência, mesmo anos depois. É digno de ressalva que cada depoente possui particularidades, dificuldades enfrentadas que aliado a nostalgia de falar da infância faz os relatos possuírem uma riqueza de detalhes.

Agradecimentos

Agradeço a Fundação Araucária pela bolsa que me possibilitou esse trabalho e ao orientador Ailton José Morelli por todo seu auxílio e disponibilidade durante a realização desta pesquisa.

Referências

- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ªed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- BORDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRASIL. **Lei 8.069**, de 13 de Julho de 1990. **Disponível em:** <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. **Acesso em** 13/07/2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- MEIHY, José Carlos S. B.. **Manual de História Oral**. 5ª ed. São Paulo: Layola, 2005.